

A ORIGEM DA FALA, SUA TAREFA ESPIRITUAL NOS NOSSOS TEMPOS E UM ESTUDO DO GÊNIO DA LÍNGUA BRASILEIRA.

Palestra com Lélia Jenaro, em 16 de agosto de 2009.

Para poder introduzir o tema da origem da fala e o seu significado espiritual e, a partir desse conhecimento, como podemos tentar nos aproximarmos de um conhecimento que lida com a essência da espiritualidade que vive na alma do povo brasileiro.

Então, toda a questão da origem da fala, eu gostaria de trazer sob o contexto da segunda palestra do livro “A Missão das Almas dos Povos”, onde Rudolf Steiner coloca que a fala, a linguagem, se dá por uma lei esotérica, a qual está relacionada com a evolução do universo. E, essa lei diz que para cada estágio de evolução há sempre seres espirituais, que tomam o sacrifício de parar essa evolução e, em prol da evolução do ser humano, eles abdicam de avançar em sua própria evolução. Foi o que aconteceu com a fala. Seres espirituais da segunda hierarquia, chamados Potestades abdicaram de sua evolução para poder trazer a fala. Dentro da fala está o contexto de uma grande força desse sacrifício. Assim surge a fala que nós conhecemos como seres humanos.

Rudolf Steiner diz nessa palestra, que o ser humano, sabendo desse fato, poderia ter uma relação de amor para com a palavra, sabendo que a fala desse sacrifício dessas entidades espirituais.

Essa é a ponte para eu falar da origem da fala dentro desse ciclo de palestras.

Houve uma pessoa bastante conhecida no meio antroposófico, um homem que foi um dos primeiros professores Waldorf, que trabalhou com Rudolf Steiner, e tinha o dom de falar doze línguas. Esse professor tentou desenvolver o amor pelas línguas dedicando-se durante muito anos não somente a aprender as diferentes línguas da Europa, mas fez viagens e quis vivenciar, através de uma observação, segundo ele, “goetheanística”, vendo o que se expressa em cada povo da Europa, e, a partir daí, desenvolveu livros maravilhosos chamados “Sobre o Gênio da Europa”. Esse senhor chamava-se Herbert Hahn. Ele foi a todos os diferentes países logo depois da Primeira Guerra Mundial, porque Rudolf Steiner fez essa série de conferências, que resultou no livro “A Missão das Almas dos Povos”, justamente um ano antes de ocorrer a Primeira Guerra, para poder conseguir fazer com que o ser humano tivesse a consciência de que o povo de onde ele provém não é outra coisa senão um aspecto da alma do próprio ser humano. Assim, se o ser humano tivesse a lucidez de se reconhecer como um aspecto de algo que é universal e que todos os povos juntos se dão a mão para a evolução do ser humano, provavelmente a Primeira Guerra Mundial não teria acontecido.

Herbert Hahn, então, sabendo que a Segunda Guerra Mundial estava por vir, escreveu e se dedicou muito a essa proposta de Rudolf Steiner. Fez os três livros, sobre a Escandinávia, a Europa Central e o sul da Europa justamente para ir de encontro ao que Steiner coloca nessa segunda palestra.

Herbert Hahn se fez muito a pergunta, que eu trago aqui, porque de um ponto vista, não é possível se ter uma compreensão da missão da alma do povo brasileiro se não tivermos uma idéia clara de como surge e qual a **tarefa da Europa**, que tem uma relação tão grande conosco.

Ele se pergunta: qual é, na verdade, o sonho da Europa? Isso depois de ter vivenciado as duas guerras mundiais. A Europa realizou esse sonho? E se ela acordar, para o que ela irá acordar? Para esse sonho? Ele não explica muito bem a resposta, mas ele sente, depois de ter caracterizado e observado muitos países, que um aspecto do sonho da Europa é conquistar a paz no mundo. E a paz é o sonho mais vital e mais belo que um ser humano pode ter, assim a Europa entende.

É muito interessante fazermos aqui um paralelo com uma entrevista feita com **Guimarães Rosa** nos anos 1960, onde um jornalista lhe pergunta que perspectiva ele acha que a Europa tem. E aí Guimarães Rosa fala o seguinte: “por nós e conosco talvez a Europa tenha um futuro não só no campo econômico, não só no campo político, mas também como fator de poder espiritual.” Ou seja, ele tem a consciência, quase no final de sua vida, porque ele morre em 1968 e essa entrevista é de 1961, de que a **literatura brasileira**, bem como a sul-americana, não somente vão de encontro à Européia, mas que também servirão como base de um fator espiritual da própria Europa. Com isso, para mim ficou claro, que não existe um conceito como “Europa antiga e Brasil país do futuro”, que não há uma ponte, mas, do modo como eu entendo estudando esse tema, é que o Brasil e a Europa se estendem a mão, conforme Rudolf Steiner fala, se a consciência do indivíduo reconhece a tarefa que tem e então é possível a chegar ao ponto em que o outro reconheça sua tarefa espiritual, o que não é diferente de como quando temos encontros verdadeiros com outras pessoas. Foi muito gratificante encontrar isso em Guimarães Rosa.

Isso foi somente a título de introdução e agora eu gostaria de abordar a questão que tem a ver com a **origem da fala**. E, talvez no final, tentarei voltar um pouco com algumas características, que eu pesquisei, e experiências próprias para estabelecermos um diálogo.

É interessante ver que Rudolf Steiner dedicou, na verdade, sua vida inteira à fala. E a fala em suas mais variadas manifestações. Como filósofo, teve que aprimorar a fala a partir da escrita, de ter que colocar sua fala em pensamentos. Em uma grande época de sua vida, ele escutava a fala artística nos palcos da Europa cultural daquela época e tentava escutar que nuances a fala tinha. Utilizou a fala viva em suas palestras, quase sua vida inteira. Nas artes, ele criou uma arte nova, que coloca a própria **fala de forma visível, que é a Eúritmia**. Depois, tentou dar um impulso espiritual novo a uma arte bem antiga, que é a própria fala, **a recitação** e para que as pessoas tivessem uma consciência de que o som e a fala, se revitalizadas a partir de uma consciência espiritual, dariam um impulso totalmente novo para resgatar o aspecto mais decadente que a fala, hoje em dia, tem e se manifesta.

Outro aspecto importante é que quando ele construiu o primeiro **Goetheanum**, ele terminou-o com a “**casa da palavra**”. Além disso, ele mesmo foi bastante criativo com a fala, escrevendo diversos poemas e também os quatro “dramas de mistério”, que são dramas esotéricos que, a partir de uma fala preenchida não só de conteúdos espirituais, mas também de sonoridade espiritual na versão original, ele queria que houvesse um ambiente arquitetônico para acolher isso, que ele chamou de “a casa da palavra”. Podemos ver que existe um **fió vermelho** muito grande **com a questão da fala**.

Ele irá trazer aspectos muito compreensivos e diferentes sobre essa grande **questão do que é a fala**. Interessante é que hoje em dia, na ciência moderna, não se tem uma verdadeira compreensão sobre **a origem da fala**. Não se tem uma verdadeira compreensão sobre a linguagem. O cientista, o ser humano se depara com tantos sons e fonemas de tantas línguas, que tem um sentimento de solidão e de impotência pelo fato de perceber que não é possível abarcar toda a universalidade de línguas existentes.

Na verdade, o ser humano só chega a poder dominar diferentes línguas dependendo do destino que ele tem. Se nosso destino nos coloca em convivência com outro povo, aí adquirimos a possibilidade de adquirir outra língua e só certas línguas, mas não todas.

Por outro lado, a ciência moderna faz pesquisas tentando relacionar a evolução das línguas e a questão genética das raças. De como se pode criar estatísticas e fazer paralelismos entre a questão das línguas e a evolução das raças. E aí percebemos que esse ponto de vista de lidar com a linguagem, na verdade envolve problemas de combinações e programas que podemos analisar, mas não podemos chegar ao ponto de entender a questão da origem da fala e da linguagem.

Rudolf Steiner traz uma abordagem sobre o fato do surgimento da fala justamente a partir dessa diversificação tão grande existente no mundo. O que para a ciência moderna é uma grande teoria, Steiner pega essa questão da diversificação das línguas e fala o seguinte: “entre as manifestações do ser humano, **a palavra** é aquela na qual se refletem todas **as leis do universo**. Quem realmente quer desvendar os mistérios da palavra deve, necessariamente, compreender os mistérios de tudo quanto existe. O filólogo, portanto, deve cultivar uma sabedoria universal.”

É interessante que essa universalidade da língua expressa em muitos textos de mais poder espiritual que existem, são palavras de uma força mântica incrível. O próprio Rudolf Steiner fala que se esses versos forem lidos, meditados ou falados durante sete anos por um indivíduo, ele será capaz de, através da sonoridade e dos conteúdos desses versos, mudar a aura de uma cidade. Eu estou me referindo ao texto do **Prólogo do Evangelho de São João**, onde ele abre com palavras monumentais toda a questão da palavra. Eu gostaria de citar só o começo: “**No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio ele estava com Deus.**”

Podemos nos perguntar o que a palavra **Verbo** significa. Atualmente, como podemos ficar mais perto do que a palavra “Verbo” significa. O verbo em grego é “Logos” e, além de significar “palavra” também tem o aspecto de “conhecimento”, de “razão”. Podemos perceber muitas palavras que têm a palavra “logos”. Podemos, então, como que captar que no princípio das coisas não era apenas a palavra, mas também o conhecimento, a sabedoria. E se olharmos a história da criação na Bíblia, vemos que a questão da palavra foi trazida com imagens muito abrangentes. Por exemplo, a palavra Deus em hebraico, no Antigo Testamento é Elohim e os “entendidos” da língua hebraica dizem que é uma palavra plural. Ou seja, não é Deus, mas **deuses, que participaram da criação do ser humano, da criação também da palavra**. E foi a partir desses deuses, desses Elohim, que surge uma fala, cuja fonte é o espiritual e essa fonte surge a partir do elemento que Steiner chama de uma **musicalidade**, ou seja, a fala primordial era totalmente imbuída de som musical. Foram todos esses diferentes deuses, esses Elohim, que deram sonoridades diferentes à fala. Quando esse som musical primordial foi se cristalizando e encarnando é que **surgiram as diferentes línguas no mundo**.

É interessante que a Adão foi dada a tarefa, pelos Elohim, de, através da fala, nomear aquilo que estava ao seu redor. Foi assim que ele pôde ter a experiência de que naquilo que ele via no mundo exterior, soava para ele o ser da coisa e isso então se transformava em fala. Ou seja, a fala tem uma relação intrínseca com as coisas que estão ao redor do ser humano. Muitas vezes pensamos que a criança desenvolve a fala só através da imitação, mas, se observarmos melhor, veremos que também ela produz sons que são próprios dela, como se ela quisesse falar. Sempre que a criança tenta fazer sons está reproduzindo algo

muito arquetípico da evolução do ser humano que é **criar a fala**. Isso acontece nos primeiros meses de vida.

Assim, chegamos a **dois aspectos primordiais que a fala possui**: as **consoantes**, que são a expressão que o ser humano encontra na medida em que ele se relaciona com os objetos. E quando ele tem que partir para uma expressão daquilo que ele sente com relação aos objetos, então surgem as **vogais**.

E é assim que todo esse **mundo das vogais está preenchido dessa musicalidade**. Rudolf Steiner coloca que todos os **grandes iniciados** têm uma **vida em comum**, que eles reconhecem como a **fala primordial**.

A fala, na sua evolução, começa pela trajetória de um endurecimento, uma materialização, que hoje em dia o único aspecto da fala que ainda tem essa fala musical é a **poesia**, que tenta lidar com a sonoridade da fala. E, justamente, por esse aspecto que a língua vai se materializando é que surgem as diferentes línguas. A fala primordial que o ser humano possuía vai se perdendo e surgem as diversas línguas.

Tem a famosa história da **Torre de Babel**, onde o ser humano fica preso a uma língua e não consegue falar outra. Ele vai encontrando a si mesmo, mas sai fora da fala universal, daquela fonte de união do ser humano. Surgem então as traduções, mas que na realidade são bem diferentes. Por exemplo, se pensarmos na palavra árvore, em inglês é “tree”, que já não é a mesma coisa. Ao nível de conceito, de tradução, sim. Mas “árvore” é diferente de “tree”. A relação é diferente. A relação que nós temos com árvore é quase de céu. O alemão, passa por um sentimento que não é “tree”, mas ele fala “baum”. Podemos perguntar que experiências o germânico teve com relação à árvore. Talvez aqui a **Euritmia** nos ajude. A alma do nórdico não fica perante a árvore como o inglês, não se une totalmente, mas acolhe.

Essa questão da diferenciação das línguas, na verdade, esses exemplos mostram que não existe a palavra “árvore”, mas que a **alma humana tem a possibilidade de expressar de formas diferentes a uma mesma realidade**. Isso é a base e o princípio de por que nas **escolas Waldorf** as crianças têm no primeiro ano escolar duas línguas estrangeiras. O que Rudolf Steiner faz é ousado, porque logo depois da primeira Guerra Mundial, quando da fundação da primeira escola Waldorf, o nacionalismo era exacerbado e então não interessava ensinar línguas estrangeiras. A criança pequena tem a vivência de que é válido ter a experiências diferentes de uma mesma coisa. É isso o que está por trás e não a parte prática de dominar essa ou aquela língua. A questão é que a criança se torne muito tolerante na idade madura da vida em relação aos julgamentos e aos fatos do mundo por ter vivenciado essas diferentes formas de expressão.

Com as capacidades que Rudolf Steiner tinha, ele pode nos trazer imagens de como o ser humano da época da Atlântida se relacionava com a língua. Isso porque Steiner tinha a capacidade de ler espiritualmente a memória dos acontecimentos da evolução da humanidade na chamada Crônica do Akasha. E lá ele descreve, em palestras, como na antiga Atlântida, nessa cultura que existiu há muito tempo atrás, o ser humano foi desenvolvendo a fala bem primitivamente, a partir da conquista da memória, ou seja, para poder falar nós temos que já ter iniciado um processo da memória. Ele tinha um sentimento antes de possuir uma fala para expressar pensamentos. Ele sentiu muito que a fala surgia a partir de experiências muito concretas, que ele tinha. Por exemplo, ele construía uma choupana, olhava para ela e, de repente, sentia que a choupana dava proteção a ele. A partir desse sentimento forte de proteção, então surgia, por exemplo, o “b”, que tem a qualidade de proteção. Assim Steiner descreve. Quando ele passeava pelas florestas da Atlântida, ele

escutava o vento, os rios, as águas, e então ele emitia os sons das vivências intrínsecas que ele tinha com a natureza. A partir da relação com os elementos da terra surgem as **vogais**. Ele tinha o sentimento de proteção. Rudolf Steiner fala que eram experiências que hoje nem podemos imaginar, como a fala nos primeiros sons tinha uma atuação tremenda sobre a alma humana. Steiner fala que essa língua primordial não é uma quimera, uma ilusão.

As pessoas da Atlântida tinham forças muito ativas no interior de suas almas e essas forças vinham da **relação** que tinham **com a natureza**. A civilização da Atlântida tinha o conhecimento de que dentro de cada som e cada palavra existia uma força mágica, que tinham a capacidade de desenvolver energias no próprio objeto que estavam denominando, tinham a força de curar, faziam com que crescessem as plantas, por exemplo, podiam amainar as forças ferozes dos animais. Todo o aspecto mágico da palavra foi se perdendo e com isso também o aspecto de religiosidade que existia com a palavra. Esses seres nunca teriam cogitado usar a força da palavra para o mal. Esse uso disso lhes traria uma desgraça enorme. Então, eles tinham uma veneração muito especial pela palavra.

Aí, Rudolf Steiner dá uma imagem muito impressionante: ele vê na Crônica do Akasha – nós estamos numa floresta muito majestosa, está amanhecendo e o sol aparece. Ao lado desta árvore, numa cadeira alta feita de folha, está sentada uma sacerdotisa falando sons de forma mântica. Em volta dela tem um grupo de pessoas que vão ecoando sons e alguns deles se erguem e fazem movimentos primitivos. Rudolf Steiner dá essa imagem para mostrar como o ser humano daquela época vivenciava toda essa questão da fala primordial.

Uma vez alguém me perguntou se os sons que Steiner relata nessa imagem não seria o AUM, muito utilizado pelos orientais, pelos budistas, são sons sagrados, mas eu não sei.

Isso foi um aspecto, uma caracterização de como surge a fala.

Agora, eu gostaria de falar de outro aspecto da fala, não mais sobre a fala primordial, mas sobre **a tarefa da fala hoje em dia e o aspecto espiritual da fala**. Esse aspecto espiritual sob a tarefa que o Espírito de nossos tempos tem, o Arcanjo Micael. Ele que tem uma ligação muito forte em relação ao que vai acontecer com a fala.

Rudolf Steiner, trata disso em uma palestra maravilhosa, que infelizmente não está traduzida para o português, cujo nome é algo como: “a evolução da fala e o impulso crístico”.

Nessa palestra, ele conta como hoje em dia está se travando uma luta tremenda: se a fala virá a morrer ou se ela poderá ressurgir.

Steiner coloca que a questão da fala é fundamental para termos consciência de que, por um lado a fala tem um caráter totalmente materialista, uma forma de só expressar conceitos que não têm nenhum pensamento espiritual por trás, ou, de outro lado, a fala pode estar imbuída de idealismo. Naquela vertente em que há idealismo existe a possibilidade de o mundo espiritual atuar, através da fala que o homem usa em seu dia-a-dia. Não é indiferente ao mundo espiritual que tipo de fala nós usamos durante o dia, pois à noite os seres espirituais estão à mercê daquele tipo de fala que utilizamos. Eles pegam essa fala como substância e então ajudam na evolução do ser humano. Se usarmos de forma corriqueira essa fala que não tem vínculo com pensamentos que não sejam somente materiais, então não há substância para poderem atuar. Nesse fato ocorre uma guerra que se trava hoje, onde o Espírito dos Tempos, Micael, está muito atento a como o homem está tentando lidar com a fala. Na verdade, de certa forma, Rudolf Steiner fala que a evolução do próprio mundo espiritual depende de como o ser humano fala. Se olharmos a relação que o homem hoje estabelece com a sua própria fala, veremos que ele a usa apenas como sinais, ele não tem uma relação íntima com a fala, ele usa qualquer tipo de fala. Um dos tipos de fala que mais

me impressiona é aquela utilizada na linguagem do computador, onde não se tem nem mais a palavra. É a diminuição da palavra e do pensamento. Isso sempre me causou certa dor e depois que li esta palestra eu vi que tal dor, subjetiva, tem alguma objetividade. O ponto onde chegamos não foi sempre assim na história do ser humano. Os gregos tinham uma relação com a fala de sentimentos, eles estavam sempre preenchidos de sentimentos e se nós olharmos mais para trás, na época da Atlântida, Steiner mostra que na época da Atlântida, a fala estava imbuída de forças de vontade e que hoje, somente a partir de forças do pensar o gênio da língua de nossa civilização atua, a partir de uma fala que esteja preenchida dessa questão do pensar. A fala não se deixa submeter a uma vontade arbitrária, mas o gênio da linguagem está sempre tentando ver que o ser humano não tenha essa atuação e quem lida, quem é responsável para que a língua ainda possua esse cunho espiritual. Rudolf Steiner fala que são as hierarquias que têm a ver com o mundo dos arcanjos. E ele dá uma imagem muito bela: ele fala que todo o dia, enquanto o ser humano fala, cria-se em volta da Terra uma substância na qual se alimentam os arcanjos para poderem atuar na Terra. Toda a fala do ser humano está ligada com os arcanjos, que estão em volta da Terra e aí acolhem essa fala. Se ela estiver preenchida de idealismo pode dar a possibilidade dos arcanjos evoluírem. Senão, isso não se dá. Então percebemos como a evolução do ser humano está intrinsecamente atrelada à evolução dos seres espirituais.

Mas os arcanjos atuaram de diferentes formas em diferentes épocas com relação à fala. Houve uma época em que se chegou ao momento em que o arcanjo tinha que imbuir a fala de hoje de forças pensamentais. Não existia no mundo espiritual uma imaginação para isso. Foi a primeira vez na evolução das hierarquias onde uma hierarquia, a dos arcanjos, teve a tarefa de trazer algo em que não existia o espelhamento e nem a idéia no mundo espiritual. Nesse momento, como não tinha de onde tirar a substância, porque não era dada, aí começou a entrar a força arimânica dentro da fala. O Mistério do Gólgota foi a contrapartida para essa nossa fala atual. Se hoje ela tem um aspecto arimânico, foi porque o mundo espiritual não tinha a possibilidade de dar um aspecto a mais, que seria a questão da fonte do pensar na fala. Através do Mistério do Gólgota foi dada a possibilidade de dar um aspecto de ressurreição da fala. A fala do ser humano hoje pode ser resgatada se houver uma consciência do que aconteceu no Mistério de Gólgota.

Rudolf Steiner termina essa palestra recitando o “Prólogo de São João”, onde ele dá um fechamento maravilhoso da questão da origem da fala.

Isto era, em linhas bastante grandes, o que eu queria trazer aqui sobre a questão da origem da fala.

Nós poderíamos, de alguma forma, concluir que nada de realmente importante acontece hoje, a partir do Impulso Crístico, quando o indivíduo não se esforça enquanto indivíduo. Mas ao mesmo tempo quando os indivíduos se põem em movimento, se há ao mesmo tempo um grupo de pessoas que tem abertura de coração para acolher o esforço do indivíduo, a humanidade se põe a caminho para poder ir de encontro aos desafios da evolução do universo. Para mim, foi algo muito surpreendente. Eu não tinha a clareza da profundidade que isso tem. Era o que eu queria compartilhar com vocês.

Eu gostaria de fechar com uma experiência que eu tive recentemente. Eu conversei com um sociólogo, que eu não conhecia. Eu estava sentada ao lado dessa pessoa no avião e ele tinha acabado de estar na Espanha pela primeira vez. E, como eu estava me ocupando com esse tema durante todo o mês de julho e li muito sobre o povo brasileiro, me interessou muito como um brasileiro teria vivenciado a Espanha, para ele, a Europa. Ele fez comentários que

me tocaram muito. Durante a conversa eu perguntei a ele: “se você tivesse que se definir como brasileiro, você seria capaz de achar uma palavra que pudesse ser **arquetípica do povo brasileiro**?” Então, após dez minutos, ele fala uma palavra que depois, em minha bibliografia eu pesquisei: Guimarães Rosa, Sérgio Buarque de Holanda, o médico Wesley de Aragão, todos falam um sinônimo dessa palavra, mas aquela palavra que o sociólogo usou me pareceu a mais bonita, a que mais tem a ver. Ele falou: **conciliação**.

Eu refleti muito sobre essa característica, pois me ocorreu um pensamento de como a alma o povo brasileiro está expressa dentro dessa palavra, o passado, o presente e o futuro. Do **passado**, tem a questão da **conciliação esotérica** que o português teve que ter para vir ao Brasil, com toda a questão da transformação das forças de coragem; no **presente** a questão atual de toda a **extrema tolerância** que tem em abarcar e conciliação como um **gesto de fraternidade genuína para o futuro**, que nós estamos a caminho. Eu sinto que o Brasil tem futuro, mas nunca soube por que nós, estrangeiros, temos esse sentimento com relação a esse país. Eu achei que esse encontro no avião poderia ser uma fonte de inspiração ao Grupo Pindorama.

É interessante que Sérgio Buarque fala de cordialidade, o “homem cordial”. Há uma palavra que se usa muito, que é “sincretismo” e também “miscigenação”.

Talvez fosse bom se tivéssemos como tarefa que cada um trouxesse uma palavra que seja para si algo que toca o cerne da alma brasileira. Se tivermos palavras parecidas isso já será uma grande chave e, tendo a imagem arquetípica do que nós observamos de nossa alma brasileira, teremos uma identidade a partir da qual poderemos partir para uma atuação muito mais consciente.

Eu trouxe nove aspectos que o Dr. Wesley de Aragão coloca como as características brasileiras:

1) pouco formalismo no trato social, familiaridade; 2) extrema flexibilidade de alma; 3) acentuada e colorida; 4) religiosidade informal, mais sentimento do que dogma, exemplo: catolicismo; 5) Um relação mais solta e espontânea com o “eros corporal”; 6) desconfiança para com autoridades, instituições, ordens sociais e a colocação destas num plano relativo; 7) forte resistência e persistência diante de condições mínimas de vida, por exemplo, o proletariado brasileiro e o nordestino contra a seca; 8) certa passividade coletiva diante do autoritarismo e da agressão, do tipo Gandhi, que tem limite do qual uma enorme energia revolucionária é ativada, por exemplo, na história das revoltas e inconfidências. 9) Admiração pueril para outras etnias estrangeiras, mesmo sendo maltratado em terras alheias, o que torna a ‘Terra Brasilis’ sempre aberta às etnias de fora, aos imigrantes.

Eu trouxe uma contribuição para esse tema, uma poesia, com a qual eu gostaria de terminar. É uma poesia de Manoel Bandeira, que se chama ‘Ubiquidade’, que significa onipresença. Eu a escolhi porque ele tem uma experiência bastante universal da palavra e a primeira palavra que ele usa é a língua brasileira.

Estás em tudo o que penso
Estás em quanto imagino
Estás no horizonte imenso
Estás no grão pequenino
Estás na ovelha que passa

Estás no rio que corre
Estás em tudo o que nasce
Estás em tudo o que morre
Em tudo estás, nem repousas
Oh! Ser tão mesmo e diverso!
Eras no início das coisas
Serás no fim do universo
Estás na alma e nos sentidos
Estás no espírito
Estás na letra
E os tempos cumpridos
No céu, nos céu estarás